

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE A TRADUÇÃO DE AUTORES BRASILEIROS PELA EDITORA ALFRED A. KNOPF (1942-1989)

Caio Affonso Leone

Doutorando do PPGH/UFF

caff.leone@hotmail.com

Para uma história da editora Alfred A. Knopf

Para a sorte dos historiadores da cultura escrita, do livro e das traduções, o arquivo da Editora Alfred A. Knopf (criada em 1915 e hoje parte do grupo Penguin Random House, que por sua vez é propriedade do conglomerado multinacional Bertelsmann) encontra-se preservado no Harry Ransom Center da Universidade do Texas. Nele, estão contidas caixas – 1526 para ser exato – de documentos reveladores dos mais diversos aspectos do dia a dia, dos conflitos e dos sucessos de uma das mais importantes editoras americanas do século XX. Um mergulho em seus recursos pode fornecer novos elementos para debates hoje em voga, como sobre o mercado de trocas desiguais de bens culturais, os desafios e possibilidades da tradução cultural, a história das práticas editoriais, bem como os processos de consagração literária de autores brasileiros. Dito de outra forma, o estudo de uma casa editorial americana tem muito a contribuir para interesses que excedem a história empresarial. Enquanto estudo de caso, pode ser possível descobrir implicações ou mostrar os limites explicativos das dinâmicas globais do que foi chamado de República Mundial das Letras (CASANOVA, 2002). Pode ainda por permitir indagações sobre os mecanismos internos do processo de “abrir a porta” (COSER, KADUSHIN, POWELL, 1982) para a divulgação e consagração de autores brasileiros para além dos limites do cânone nacional. Por tudo isso, a pesquisa aqui relatada propõe-se a centrar-se nos processos de seleção, tradução e publicação de autores brasileiros de ficção e não-ficção pela editora Alfred A. Knopf nos Estados Unidos entre as décadas de 1940 e 1980.

Alfred A. Knopf (1892-1984) fundou a editora que até hoje carrega seu nome em Nova Iorque em 1915. Assistido por seu pai, Samuel Knopf, então tesoureiro da editora,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

e sua esposa, Blanche Knopf (1894-1966), nomeada vice-presidente da empresa em 1918, Alfred apostou nos primeiros anos da empresa na importação de autores europeus, principalmente russos, franceses e alemães, publicados anteriormente na Inglaterra. Em consonância com a legislação americana do começo do século XX, era possível reduzir dessa forma os custos com direitos autorais e suprir o interesse americano em autores europeus, impulsionado pelas reviravoltas da Revolução Russa. Esse tipo de publicação dominou os primeiros anos do catálogo da editora Knopf, permitindo assim o estabelecimento de uma reputação de vulto vinculada à importação de grandes títulos da literatura mundial e à descoberta de autores americanos promissores (CLARIDGE, 2016, p. 17-18, p. 40-45). Para uma avaliação inicial, percebe-se que, quando da morte de Alfred, em 1984, 27 de seus autores tinham ganhado prêmios Pulitzer e 16 prêmios Nobel (BRITANNICA, ©2021).

Ao longo da década de 1920, a Knopf inc. ficaria famosa pela presença marcante do casal Knopf nas características de seu catálogo. A crônica de época caracteriza Alfred, que era graduado em Direito pela Universidade de Columbia, como um dândi afeito a roupas extravagantes, restaurantes luxuosos e vinhos caros. Ele talvez tenha emprestado esse gosto refinado à editora através do zelo com o projeto gráfico e a produção física de livros de alta qualidade material e identidade visual reconhecível. Tão logo puderam, os Knopf passaram a empregar os melhores designers e tipógrafos do mercado, bem como a escolher os melhores papeis, tintas e materiais de capa disponíveis para a confecção de livros elegantes¹. Segundo John Tebbel (1987, p. 228-231), além de produzir livros visualmente atraentes, Alfred explicava ao público *por que* eles eram bonitos, de modo a estimular o gosto e a demanda por edições luxuosas. Por exemplo, a partir de 1926, todos os livros traziam uma página intitulada “Uma nota sobre o tipo no qual o livro é impresso”, em que Alfred discorria sobre as qualidades da tipografia daquela edição². Além disso, ele investiu em novas estratégias de publicidade, nas quais o nome da editora

¹ A proximidade de Alfred com tipógrafos e designers sugere um campo de investigação fértil próximo à problemática da materialidade e cultura da escrita (CHARTIER 2007, 2014). Cf. a palestra proferida por Alfred em 1948 para o Grolier Club de Nova Iorque sobre o contato de editores com tipógrafos e designers de livros e tipos, publicada em (KNOPF, 1949).

² Tebbel (1981, p. 271-236) afirma que os Knopf seriam representativos de uma “geração de transição” entre os pioneiros do século XIX e novas práticas editoriais da “época de ouro entre duas guerras”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

e sua logomarca, o cão da raça borzoi, tinham tanto ou mais destaque que o título das obras e os nomes dos autores.

A influência de Blanche pode ser sentida com igual magnitude. Ela era conhecida por ter um olhar editorial mais apurado do que o de seu marido e por acolher os autores que assinavam com a Knopf inc. Nesse sentido, enquanto a correspondência de Alfred é descrita como mais empresarial, a de Blanche revela mais interesse em oferecer sugestões editoriais aos autores e em trabalhar de maneira mais próxima com os tradutores contratados da editora (HARRY RANSOM CENTER, © 2021a). Ademais, embora não tenha frequentado o ambiente universitário, teve uma formação francófila – falava francês fluentemente e um pouco de espanhol. Assim, foi Blanche quem garantiu, segundo sua biógrafa Laurence Claridge (2016 p. 277-279; p. 281-282 e *passim*), que autores como Albert Camus, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Thomas Mann tenham sido traduzidos e publicados pela Knopf inc. Embora tenha sofrido com as barreiras impostas às mulheres em um mercado fortemente masculinizado, não menos porque Alfred sistematicamente menosprezava sua contribuição na condução da editora, o reconhecimento do trabalho de Blanche como promotora de relações culturais internacionais através da literatura pode ser entrevisto por suas condecorações como cavaleira (1949), depois oficial (1960) da *Legion d'Honneur* na França e como cavaleira (1950) da Ordem do Cruzeiro do Sul, no Brasil. Não por acaso, o alemão Thomas Mann a descrevia como a alma da firma.

Ao longo dos anos, ela se responsabilizou pelas iniciativas internacionais da editora, tornando-se diretora da filial londrina, que operou entre 1926 e 1931 como base de captação de autores europeus. Tebbel (1981, p. 229-230) conta que viagens à Europa com objetivo de entrar em contato com cenários literários mais consolidados eram praxe para os editores americanos. Porém, os Knopf estiveram na linha de frente na escolha de países que podem ser considerados menos centrais no campo literário, como Suécia, Dinamarca, Noruega e Alemanha. Segundo o autor, eles foram verdadeiramente inovadores ao consolidar a América do Sul como um destino constante de viagens

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

literárias³. Isso se deu a partir da década de 1940 e sob os auspícios da chamada “Política de Boa Vizinhança” do presidente Franklin Roosevelt, a qual produziu fortes incentivos políticos e financeiros para a integração, tradução e publicação da literatura latino-americana nos Estados Unidos sob o argumento de prevenção da expansão de influências nazistas e comunistas no Cone Sul. Mesmo que a maior dificuldade no contato com autores e agentes europeus, causada pela Segunda Guerra Mundial, e os incentivos estatais americanos talvez expliquem o começo dos contatos dos Knopf com o campo literário sul-americano, o que explica que eles tenham se intensificado com a mudança do contexto ao longo das décadas de 1950 e 1960?

Irene Rostagno (1997, p. 31-32) afirma que nada havia de mais apropriado que Blanche, a mais cosmopolita dos dois, ser encarregada de realizar a primeira “viagem de prospecção” em 1942, cuja finalidade era desvendar os espaços literários de Colômbia, Chile, Peru, Argentina, Uruguai e Brasil. Naquele momento, essa editora já experiente deveria descobrir o que era escrito, lido e comentado, além do que poderia vir a ser traduzido e suscitar interesse na América do Norte. Sua descrição das condições nas quais os encontros com os literatos da América Latina, tidos por ela como pouco profissionais e dispersos em um mercado regional mal organizado, dificilmente poderia ser mais reveladora das relações desiguais e hierárquicas que ali se iniciavam. Instalando escritórios temporários em hotéis cinco estrelas, onde recebia manuscritos e assinava contratos, Blanche anos depois se lembraria das longas filas de escritores que se formavam no corredor à espera de uma oportunidade de serem publicados, pouco importando a origem ou o idioma da editora.

O Brasil foi o último país visitado por Blanche nessa viagem, da qual resultou a publicação de *The Violent Land*, traduzida por Samuel Putnam, de Jorge Amado em 1945 (*Terras do Sem Fim* havia sido publicado em 1943) e *Anguish*, traduzida por L.C. Kaplan, de Graciliano Ramos em 1946 (*Angústia*, 1936). Também desse período datam dois livros do ensaísta Gilberto Freyre: *Brazil: an interpretation* em 1945, a edição impressa de palestras proferidas entre aquele ano e o anterior pela Patten Foundation; e *The Masters*

³ A importância desse tipo de viagem para as relações literárias e editoriais entre Brasil e Portugal é tema de Ângela de Castro Gomes (2016, p. 92-120).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

and the Slaves, também traduzido por Putnam, em 1946 (*Casa Grande e Senzala*, 1933). Embora fosse preciso esperar até os anos 1960⁴ para que novos livros de autores brasileiros fossem traduzidos pela Knopf inc., é possível afirmar que o entusiasmo de Blanche gerou um interesse perene na editora pela literatura sul-americana, assim como uma expectativa no cenário brasileiro de que o selo Borzoi se tornasse uma via aberta à internacionalização da produção nacional. Ainda que esse interesse precise ser mais bem conhecido, há indícios nesse sentido nas sucessivas visitas do casal ao país nos anos seguintes, depois da morte de Blanche em 1966, na transformação de Alfred em uma espécie de embaixador extraoficial a respeito de assuntos culturais e historiográficos brasileiros (ROSTAGNO, 1997, p. 34-35).

No contexto do que tem sido polemicamente sintetizado como o *Boom* da literatura latino-americana dos anos 1960, e talvez elucidando alguma dimensão da participação de autores brasileiros nesse processo, a editora Knopf deu provas de seu interesse renovado pela literatura brasileira⁵. Foram publicados cinco títulos de Jorge Amado: *Gabriela, Clove and Cinammon*, 1962 (*Gabriela, Cravo e Canela*, 1958), *Home is the Sailor*, 1964 (*Os Velhos Marinheiros*, 1961), *The Two Deaths of Quincas Wateryell*, 1965 (*Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água*, 1959), *Shepherds of the night*, 1967 (*Os Pastores da Noite*, 1964), e *Dona Flor and her two husbands*, 1969 (*Dona Flor e seus dois Maridos*, 1966); dois de João Guimarães Rosa: *The devil to pay in the Backlands*, 1963 (*Grande Sertão: Veredas*, 1956), *Sagarana*, como excerto e completo, ambos em 1966 (*Sagarana*, 1946), e *The Third Bank of the River and other Stories*, 1968 (*Primeiras Estórias*, 1962); um de José Lins do Rego: *Plantation Boy*, 1966 (*Menino do Engenho*, 1932); um de Clarice Lispector: *Apple in the Dark*, 1967 (*Maçã no Escuro*, 1961); além

⁴ À exceção de uma versão revista e ampliada da *Brazil: an interpretation*, publicada em 1959 sob o título *New World in the Tropics: the culture of modern Brazil*.

⁵ Mesmo não havendo consenso no assunto, a noção de *Boom* contempla várias dimensões da nova inserção de autores latinos no campo literário mundial. Ele pode ser considerado como momento chave, no qual autores notáveis capturaram de forma sem precedente a atenção do público e dos editores fora de seus países; pode ser visto como produto da habilidade de editores em descobrir e projetar autores antes secundarizados; ou pode ainda ser entendido como parte do processo de profissionalização dos autores latinos deparados com um novo mercado caracterizado pela ampliação das classes médias consumidoras de livros e pela integração da literatura à indústria cultural, ou seja, sua transição de um ritmo artesanal de trabalho ancorado na concepção tradicional do autor-boêmio para uma nova lógica pautada pelos tempos da propaganda e da demanda por uma escrita-produto (DE DIEGO, 2016, p. 121-141).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de *A Hidden Life*, em 1969, por Autran Dourado (*Uma vida em Segredo*, 1964). Esse levantamento preliminar permite, portanto, apontar como perspectiva investigativa o critério de seleção utilizado pela Knopf inc. para justificar que um autor brasileiro fosse lido em outra língua no exterior. Que atores precisam intervir – quem escolhe, o que escolhe? – ou processos ocorrer para que isso fosse possível? Havia algo de intrínseco nessas obras que as tornava compatível com o mercado americano ou, antes, seria melhor delimitar relações – pessoais, profissionais e de poder – que mediavam a produção e publicação de uma tradução?

Pierre Bourdieu (2002a, p. 3-8) afirma que um dos fatores estruturais do mercado de traduções é que elas circulam sem seus contextos de produção. Nesse sentido, é relevante notar que conviveram, nesse catálogo recheado de autores consagrados da literatura brasileira, outras obras de cunho analítico da história do Brasil: de Gilberto Freyre, a Knopf publicou *The Mansions and the Shanties* em 1963 (*Sobrados e Mucamos*, 1936) e *Mother and Son: a brazilian tale* em 1967 (*Dona Sinhá e Filho*, 1964); e de Moysés Vellinho, *Brazilian South: its conquest and settlement* em 1968 (*Capitania d'El-Rei*, 1964). Isso permite indagar sobre a possibilidade de delimitar relações entre as seleções de obras de ficção e não ficção pelos editores da Knopf. Essas obras eram compreendidas como uma forma de ilustrar o contexto histórico da literatura brasileira para o leitor americano, ou eram vistas como tendo valor análogo às obras de ficção na empreitada de dar a conhecer a cultura e a realidade brasileira⁶? Em outras palavras, havia regras e procedimentos distintos ou similares na editoração de obras de ficção e não-ficção na Knopf inc.?

Na década de 1970, o catálogo de autores brasileiros da editora passou a contar com mais três livros de Jorge Amado: *Tent of Miracles*, 1971 (*Tenda dos Milagres*, 1969), *Tereza Batista: home from the wars*, 1975 (*Tereza Batista cansada da guerra*, 1972) e *Tieta, the goat girl* de 1979 (*Tieta do Agreste, pastora de cabras*, 1977); mais dois de Gilberto Freyre: *Order and progress: Brazil from monarchy to republic* (Ordem e

⁶ Por exemplo, estudando o mercado francês, Jean-Yves Mérien (2014, p. 1) conclui que “O interesse pelo Nordeste do Brasil e pela civilização afro-brasileira nascido do sucesso de *Maîtres et esclaves*, tradução de *Casa Grande e Senzala* por Roger Bastide, publicado na coleção ‘La Croix du Sud’ em 1952, explica sem dúvida a escolha de Roger Caillois de publicar Jorge Amado”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Progresso, 1957) de 1970 e *The Gilberto Freyre Reader* de 1974, que era uma compilação de trechos das três principais obras do autor; duas de Antônio Callado: *Quarup, a novel*, 1970 (*Quarup*, 1967), e *Don Juan's Bar, a novel*, 1972 (*Bar Don Juan*, 1971); uma de José Mauro de Vasconcelos: *My Sweet-Orange Tree*, 1970 (*Meu Pé de Laranja Lima*, 1968); duas de José J. Veiga: *The three trials of Manirema (A hora dos ruminantes)*, 1966) e *The misplaced machine and other stories (Máquina extraviada)*, 1968), ambas de 1970; e uma de Dalton Trevisan: *The vampire of Curitiba and other stories (O Vampiro de Curitiba)*, 1965) em 1972. Finalmente, contam-se duas obras na década de 1980: *Avalovara*, 1980 (*Avalovara*, 1973), de Osman Lins, e *The Republic of Dreams: a novel*, 1989 (*A República dos Sonhos*, 1984) de Nélide Piñon. A existência desse último bloco de traduções permite levantar questões sobre a transformação das práticas editoriais e tradutórias da editora Knopf ao longo do século XX, com particular atenção à gradativa saída de cena de seus dois principais atores, Alfred e Blanche.

Compreender a perenidade do interesse por escritores brasileiros é tanto mais pertinente, se a possibilidade de que a publicação de suas obras trouxe pouco retorno financeiro para a editora é levada em consideração. A exceção rentável são dois livros de Jorge Amado, *Gabriela...* e *Dona Flor...* (ROSTAGNO, 1997, p. 33, p. 37). Essa constatação baseia-se nas próprias estruturas do mercado de bens simbólicos, os quais são “realidades com dupla face – mercadorias e significações –, cujo valor propriamente cultural e o valor mercantil subsistem relativamente independentes, mesmo nos casos em que a sanção econômica reafirma a consagração cultural” (BOURDIEU, 2007, p. 102-103). Da mesma forma, cabe investigar em que casos, e por quais motivos, a Knopf inc. apostou suas fichas e empenhou seu crédito literário no valor estético de autores e livros brasileiros, e em quais seguiu tendências ditadas por outros mercados ou editoras.

Com essa introdução à história da Knopf inc. e a suas edições de autores brasileiros, torna-se pertinente esboçar, a seguir, algumas considerações teóricas sobre o estudo da tradução. Elas não apenas orientam a interpretação do corpo documental conservado no acervo da editora, como permitem uma primeira avaliação das contribuições ensejadas pela pesquisa empírica.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Apontamentos para o estudo de traduções

A tradução e a edição foram formas de mediação preponderantes no processo de constituição simultânea das literaturas nacionais e da República Mundial das Letras⁷. Segundo Pascale Casanova (2002, p. 68-107), autora do conceito, o surgimento de um espaço literário europeu moderno se deu através das lutas pela afirmação da “literariedade” do francês, língua do rei, contra o latim, monopólio espiritual e intelectual da Igreja Católica, no decorrer dos séculos XVI e XVII. Tornava-se pela primeira vez possível conceber literatura em língua vulgar como portadora de valor estético e moral, o que permitia defender que os modernos finalmente estavam em vias de superar os autores antigos e conquistar sua liberdade intelectual e literária. Após a afirmação do francês por toda Europa como a língua da civilidade e das artes, sem necessariamente representar dominação diretamente política do Estado Francês sobre a Europa, e tendo Paris se afirmado como capital literária, simbólica e universal da “civilização”, deu-se ao longo dos séculos XVIII e XIX um movimento de politização das línguas e literaturas nacionais, chamados por Casanova de “efeito Herder”⁸. Por fim, a terceira etapa do surgimento da República Mundial das Letras compreenderia os processos de descolonização do século XX em diante como a entrada de atores periféricos antes excluídos da ideia de literatura pelos agentes centrais na concorrência internacional por legitimidade simbólica. Nesse contexto, teria surgido um dilema de novo tipo: entre a adoção da língua e da literatura do colonizador ou a constituição de patrimônio próprio nas antigas colônias, muitas soluções são possíveis.

⁷ “O objeto da análise da República Mundial das Letras não é descrever a totalidade do mundo literário, nem pretende fazer um impossível recenseamento exaustivo da literatura mundial. Trata-se de mudar de perspectiva, de descrever o mundo literário ‘a partir de um certo observatório’, de acordo com os termos de Braudel, para proporcionar oportunidades de mudar a visão da crítica comum, de descrever um universo sempre ignorado pelos próprios escritores. E de mostrar que as leis que regem essa república estranha e imensa – de rivalidade, de desigualdade, de lutas específicas – contribuem para esclarecer de maneira inédita e muitas vezes radicalmente nova as obras mais comentadas, principalmente as de alguns dos maiores revolucionários literários desse século (...)” (CASANOVA, 2002, p. 18).

⁸ O “Efeito Herder” seria caracterizado pela postulação da equivalência entre língua e nação, o que explicaria que as reivindicações nacionais daquele século tivessem como um de seus principais fomentos a busca por uma literatura popular e nacional (entendida como expressão do espírito do povo), convocada a lhes emprestar o fundamento simbólico necessário para a afirmação dos Estados Nacionais.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Embora a história da conformação dos espaços literários esteja intimamente relacionada à dos espaços políticos e econômicos nacionais, o que interessa considerar é que os espaços literários mais dotados, isto é, mais antigos e cujo capital literário é considerado mais nobre, prestigioso e universal, conseguem conquistar progressivamente autonomia relativa (BOURDIEU, 1998, 2002b) do conjunto do espaço. Assim,

Esse processo permite que a literatura invente suas problemáticas e se constitua contra a nação e o nacionalismo, tornando-se assim um universo específico onde as problemáticas externas – históricas, políticas, nacionais – só estão presentes refratadas, transformadas, retraduzidas em termos e com instrumentos literários: nos lugares mais autônomos, a literatura constrói-se contra as reduções ou as instrumentalizações políticas e/ou nacionais. (CASANOVA, 2002, p. 113)

A transformação desse espaço em campo⁹ relativamente autônomo permite descrever alguns de seus mecanismos de funcionamento. A geografia da República Mundial das Letras se constrói a partir da oposição entre um número reduzido de capitais literários universais (entre as quais Paris se destacaria, devido ao seu poder simbólico de desnacionalizar, reconhecer como não-particular e, portanto, julgar o que é propriamente “literário”) e regiões excêntricas que dessas capitais dependem para garantir sua existência literária e medir seu capital cultural em termos de distância estética. Importa notar que a descrição desse espaço mundial não compreende uma representação sem conflito e igualitária de um mundo globalizado. Pelo contrário, trata da história “das rivalidades que têm a literatura como objeto de disputa e que fizeram – com recusas, manifestos, violências, revoluções específicas, desvios, movimentos literários – a literatura mundial” (CASANOVA, 2002, p. 26). Em todo caso, entre esses dois polos operam instâncias de mediação e consagração específicas, entre as quais a tradução é uma das mais importantes.

A formulação de uma República Mundial das Letras se aproxima do que John Heilbron (1999, p. 436) chamou de Sistema Cultural Mundial. Nesse constructo, além da antiguidade e crença na universalidade de uma língua, a centralidade de um sistema

⁹ Além de Bourdieu, ver Gisèle Sapiro (2019), que discute a categoria de campo e a conveniência de seu emprego na análise de objetos supranacionais, como a circulação de bens simbólicos e de traduções.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

literário pode ser medida pelo afluxo de traduções de e para uma língua. Ele nota que o mercado americano é notoriamente resistente a traduções, na segunda metade do século XX elas dificilmente chegam a 5% do mercado editorial. Configura-se assim um mercado de trocas desiguais, que não pode ser considerado como simples manifestação das desigualdades nas estruturas político-econômicas, mas sim como evidência de relações de poder muito específicas. Segundo essas relações, os polos periféricos e semiperiféricos do Sistema Cultural de traduções se veem forçados a importar das línguas dominantes as normas literárias, estéticas e editoriais, sem as quais dificilmente sua produção local será reconhecida como “moderna” ou “atual” no mercado globalizado.

Outra implicação dessa estrutura centro-periferia (Cf. WALLERSTEIN, 1991, 2004) na circulação de traduções é que os polos centrais dispõem do poder de definir quais produtos dos mercados periféricos serão considerados “literatura mundial”, portanto, como tendo existência contemporânea. Isso significa que as demandas dos mercados editoriais centrais informam com grande eficiência o que do universo nacional de cada língua periférica será traduzido para as línguas centrais. É também essa distribuição desigual do poder de proclamar o que deve ser lido que explica a tendência de que a comunicação entre línguas periféricas passe pelo aval do centro. Ou seja, a existência de traduções de línguas periféricas para dominantes (por exemplo português-inglês) tende a pautar as escolhas de obras a serem traduzidas entre línguas periféricas (por exemplo português-húngaro). Por isso, pode-se dizer que as línguas dominantes funcionam como veículos mediadores de comunicação entre as línguas periféricas. Esse fenômeno pode ser apreendido em sua forma mais óbvia nas traduções indiretas, nas quais, por exemplo, um livro indiano é traduzido para o inglês antes de ser vertido para o português. Todavia, mesmo no caso de traduções diretas, a existência de traduções para línguas centrais pode servir de modelo para a escolha das obras, características da apresentação, capa e resenhas, ou mesmo como forma de propaganda do valor do livro.

Decorre que as traduções têm valores e funções distintas nos contextos culturais de línguas centrais ou periféricas. Se tomada do ponto de vista das línguas periféricas-alvo, a importação de obras por via da tradução (in-tradução) pode ser entendida como instrumento de acúmulo de recursos literários, cujo valor é atestado por sua existência nos centros e que pode vir a romper com a tradição estética local. Dessa forma, as línguas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

periféricas importariam a “norma” literária. Esse mesmo movimento, do ponto de vista da língua central-fonte (ex-tradução) implica a divulgação, com certo atraso, dos valores do centro e o reforço da hegemonia. Inversamente, a in-tradução tomada do ponto de vista das línguas centrais-alvo pode representar pouco mais do que o reconhecimento da proximidade estética de determinada obra com a norma central. Porém, para a língua periférica-fonte, esse mesmo movimento de ex-tradução pode ser considerado “bem mais que uma simples mudança de língua: é, na realidade, a ascensão à literatura, a obtenção do certificado literário” (CASANOVA, 2002, p. 169-173). Essa forma específica pode, portanto, ser denominada “tradução-consagração”, sendo mais bem entendida como uma arma cultural, política e simbólica disputada pelos literatos para alterar seu acesso ao crédito literário na República Mundial das Letras, o que torna o tradutor-consagrador um mediador de primeira ordem. Cabe destacar, brevemente, as mudanças sofridas por esse esquema no decorrer do século XX, em especial com a consolidação do critério de mercado como contraponto à lógica do valor literário e o decorrente acirramento da competição entre Paris e Nova Iorque como capitais literárias (HEILBRON, 1999).

O estudo do que pode, a princípio, ser considerado a componente minoritária das trocas entre o sistema literário brasileiro e o americano - justamente a tradução de livros do português para o inglês – ajuda a esclarecer uma série de outras questões pertinentes à inserção da cultura e da literatura brasileira no campo mundial. De um lado, uma investigação como essa permite conhecer, através da elucidação dos critérios de seleção de obras, das dificuldades da tradução cultural e da avaliação dos sucessos e limites da recepção dos autores brasileiros, que representações do cânone literário e da cultura brasileira eram mobilizadas como justificativas das práticas editoriais na Knopf inc. nos Estados Unidos. Ou seja, que características os editores julgavam ser atribuídas ao Brasil pela crítica e pelo público leitor americano, nas quais poderiam se basear para selecionar autores palatáveis nesse outro contexto? Assim, tomando as disputas entre os diferentes agentes no interior da editora pela legitimação de determinada síntese do Brasil, é possível pensar um papel pedagógico ativo da editora para a formação do público americano no diz respeito à cultura brasileira (VENANCIO, 2014, p. 108-119).

Por outro lado, esse tipo de investigação permite também indagar sobre a importância da existência de traduções para a trajetória dos autores brasileiros. A tradução

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

era considerada por eles uma forma de fortalecer suas posições no jogo de poder e visibilidade no cenário literário nacional, jogo que pode ser considerado uma das componentes do processo de consagração literária? Claro está, nem toda tradução consagra: Gilberto Freyre praticamente ignorava a tradução de sua obra para o espanhol na Argentina. Considerando-a de baixo impacto, preferia citar as traduções para o inglês (que saudava como língua franca da sociologia) e para o francês quando precisava rebater as críticas recebidas de intelectuais brasileiros (VENANCIO, FURTADO, 2019, p. 7). Não por acaso, também Mario Benedetti (1969, p. 42), autor uruguaio, expressa pela via da ironia o destaque produzido pelo *Boom* de autores latino-americanos nos Estados Unidos da década de 1960: “fama, tradução a outros idiomas, elogios da crítica, viagens, bolsas, prêmios, adaptações cinematográficas, rendas não depreciáveis e a conseguinte possibilidade (tão insólita para o artista latino-americano) de viver de sua arte”.

Considerações Finais

Os elementos acima expostos permitem tecer as primeiras conclusões parciais desta pesquisa ainda tão incipiente. Pode-se afirmar que a editora Alfred A. Knopf seria um ponto de observação privilegiado das trocas desiguais e disputas do Sistema Cultural Mundial de traduções por se constituir como instituição bifronte: por um lado, desde sua gênese estabeleceu uma tradição de importação de livros, autores e relações, enfim, da “modernidade literária” europeia, em particular francesa, para o mercado americano. Essa importação (in-tradução) teria servido para consolidar a reputação da editora como cosmopolita e para aumentar o capital do espaço literário americano. Por outro lado, esse profundo conhecimento das regras do jogo no espaço mundial, ou seja, do que era considerado literatura “universalizável” nos centros europeus e norte-americanos, permitia que a Knopf inc. se legitimasse como selecionadora e consagradora dos autores brasileiros, posto que oriundos de um polo periférico. Desse ponto de vista, ela talvez possa ter desempenhado um papel relevante na conformação do gosto do público norte-americano para autores latino-americanos, como pode ter representado uma chancela influente, se não em disputa, na formação do cânone literário brasileiro.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

De posse do capital cultural advindo da importação de autores europeus, a editora Alfred A. Knopf se impôs e legitimou como selecionadora e consagradora dos autores brasileiros, os quais, oriundos de um polo periférico, buscavam nessa editora meios de ter seu valor literário reconhecido. Por isso, a Knopf inc desempenhou duplo papel, seja na conformação do gosto do público norte-americano para autores brasileiros, seja na instauração de uma chancela influente, possivelmente até em contradição, na formação do cânone literário brasileiro da segunda metade do século XX. A seleção de autores brasileiros passou por um filtro bem específico: eles deviam ser “universais” o suficiente para serem considerados traduzíveis nos Estados Unidos e palatáveis aos gostos do mercado, mas deveriam ser considerados “exóticos” o suficiente para não entrar em confronto com a concepção dominante do lugar do Brasil no cenário mundial. Nesse sentido, a seleção de autores brasileiros de obras de não-ficção se deu em função da necessidade de divulgar, entre o público consumidor americano, uma determinada interpretação do contexto cultural e histórico no qual as obras literárias traduzidas pela Knopf inc. haviam sido escritas. Disso tudo, resulta possível refletir sobre as várias funções da tradução de autores brasileiros pela Knopf inc., que vão desde a busca desse entrelugar da alteridade e da identidade literárias, até a instância consagradora do valor estético e mercadológico dos autores e obras.

Fontes

Alfred A. Knopf, Inc.: An Inventory of Its Records at the Harry Ransom Center. © 2021a. Disponível em: <https://norman.hrc.utexas.edu/fasearch/findingaid.cfm?eadid=00301>. Acesso: 23-09-2020.

Alfred A. Knopf, Inc. *Records* (Manuscript Collection MS-00062). Harry Ransom Center, The University of Texas at Austin, © 2021b.

KNOPF, A.A. *Some random recollections*. New York: The Typophiles, 1949.

Referências Bibliográficas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BENEDETTI, M. El boom entre dos libertades. In: *Letras del continente mestizo*. Montevideo: Arca, p. 31-48.

BOURDIEU, P. *Les règles de l'art*: Genèse et structure du champ littéraire. Paris : Éditions du Seuil, 1998.

_____. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. In : *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 145, décembre 2002a. La circulation internationale des idées. pp. 3-8. Disponível : http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_2002_num_145_1_2793. Acesso: 24-09-2020.

_____. *Campo de poder, Campo intelectual*: itinerário de un concepto. Buenos Aires: Editorial Montessor, 2002b.

_____. O Mercado de Bens Simbólicos. In: *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Alfred A. Knopf. *Encyclopædia Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Alfred-A-Knopf>. Acesso: 23-09-2020.

CASANOVA, P. *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CHARTIER, R. *Inscrever e apagar*: cultura escrita e literatura. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

_____. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CLARIDGE, L. *The Lady with the borzoi*: Blanche Knopf, Literary Tastemaker Extraordinaire. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2016.

DE DIEGO, J.L. El boom latinoamericano: estrategias editoriales, mercado e internacionalización de nuestra literatura. In: SCHAPOCHNIK, N., VENANCIO, G. M. (Orgs.). *Escrita, edição e leitura na América Latina*. 1. ed. Niterói: PPGHistória - UFF, 2016, p. 121-141.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

DIMAS, A. Jorge Amado e seus editores: Alfred Knopf e Alfredo Machado. In: *Revista USP*. São Paulo: n. 95, p. 72-126, setembro/outubro/novembro, 2012.

EVEN-ZOHAR, I. The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. *Poetics Today*, Spring, 1990, Vol. 11, No. 1, Polysystem Studies (Spring, 1990), pp. 45-51.

GOMES, Â. de C. (org.). *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HEILBRON, J. Towards a Sociology of Translation: Book Translation as a Cultural World-System. *Acoustics, Speech, and Signal Processing Newsletter*, IEEE, November 1999.

Disponível:

https://www.researchgate.net/publication/275485831_Towards_a_Sociology_of_Translation_Book_Translation_as_a_Cultural_World-System. Acesso: 25-09-2020.

HEILBRON, J., SAPIRO, G. Por uma sociologia da tradução: balanços e perspectivas. *Graphos*. João Pessoa, Vol 11, N. 2, Dez./2009 – ISSN 1516-1536.

HOLMES, J.S. *Translated!:* Papers on Literary Translation and Translation Studies. Amsterdam: Rodopi, 1988.

KUITERT, L. O agente literário como “corretor” Um estudo de caso sobre a literatura latino-americana e o mercado livreiro nos Países Baixos. In: SCHAPOCHNIK, N.; VENANCIO, G.M. (Orgs). *Escrita, edição e leitura na América Latina*. 1. ed. Niterói: PPGHistória - UFF, 2016.

L. Coser, Ch. Kadushin, W. W. Powell. *Books: The Culture and Commerce of Publishing*, New York, 1982.

MÉRIAN, J.-Y. Jorge Amado dans la collection « La Croix du Sud » de Roger Caillois. In: *Amerika: Mémoires, identités, territoires*. 10/2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/amerika/4992>. Acesso: 27-09-2020.

MINCHILLO. C.C. Risky Books, Rejected Authors: Alfred Knopf and the Screening of Brazilian Literature. *Novos estudos CEBRAP*. SÃO PAULO, V37 N03, p. 489-504, SET.–DEZ. 2018.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

NASCIMENTO, E. M. F. S. Gênese de uma obra e esboço de uma poética: a correspondência de João Guimarães Rosa. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 2, p. 163-171, abr.-jun. 2014.

ORAM, R.W. Perspectivas cambiantes sobre um arquivo editorial americano: o caso da Knopf, Inc. In: *Revista de Fontes*, v. 2 n. 3 (2015), p. 70-81. Disponível: <https://doi.org/10.34024/fontes.2015.v2.9171>. Acesso: 27-09-2020.

ROSTAGNO, I. *Searching for recognition: the promotion of Latin American literature in the United States*. Westport, London: Greenwood Press, 1997.

SAPIRO, G. A noção de campo de uma perspectiva transnacional: a teoria da diferenciação social sob o prisma da história global. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.26.1, 2019, p. 233-265

_____. *Sociologia da Literatura*. Belo Horizonte: Moinhos, Contafios, 2019 [Kindle Edition].

SCHAPOCHNIK, N., VENANCIO, G. M. (Orgs.). *Escrita, edição e leitura na América Latina*. 1. ed. Niterói: PPGHistória - UFF, 2016.

SORA, G. Etnografia de arquivos e sociologia reflexiva: contribuições para a história social da edição no Brasil e na América latina. In: *Revista de Fontes*, v. 2 n. 3 (2015), p. 15-28. Disponível: <https://doi.org/10.34024/fontes.2015.v2.9168>. Acesso: 27-09-2020.

TEBBEL, J. *Between Covers: the rise and transformation of book publishing in America*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1987, p. 231.

VENANCIO, G. “Julgou o jury a Brasileira, não julgou os concorrentes”: coleção e produção intelectual no Brasil dos anos 50. *Revista Maracanan*, v. X, n.10, Janeiro/Dezembro 2014, p. 108-119,

VENANCIO, G., FURTADO, A. *Mestiça cientificidade: três leitores franceses de Gilberto Freyre e a sua máxima consagração no exterior* (inédito), 2019.

VERLANGIERI, I.V.R. J. *Guimarães Rosa: correspondência inédita com a tradutora norte-americana Harriet de Onís*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1993.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

WALLERSTEIN, I. *Geopolitics and geoculture: Essays on the changing world-system*.
Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

_____. *World-Systems Analysis: an introduction*. Durham, London: Duke University Press,
2004.